

## O papel cultural da Academia do Recife

A Academia de Direito do Recife commemora o primeiro centenario de sua fundação com um monumento que não desaparecerá: a historia da Faculdade escripta por um dos seus mais illustres professores, o sr. Clovis Bevilacqua.

Um seculo não se pode dizer que seja ainda uma vida longa, entretanto a Academia viu já passar algumas gerações durante esses cem annos, ella foi testemunha de um grande numero de acontecimentos e nos póde contar muita coisa interessante. Assim, nós vamos ter na obra do nosso eminente professor uma visão de conjuncto das pessoas, dos factos e dos episodios de que se animou a vida da Faculdade nesse periodo.

Quero, no presente ensaio, fixar somente certos aspectos — ligeiros traços sobre a physionomia e o espirito da Academia em confronto com alguns institutos europeus analogos — sem pretender, porem, fazer um trabalho de historia. Não tenho essa intenção. Pouco inclinado a semelhante ordem de estudos, aqui, além disso, me escasseiam até os elementos indispensaveis. O que faz a historia, são as memorias, tambem as indiscrições, a intriga; não sei onde encontrar

os materiaes p'ra tão curiosa construcção. Das memorias historicas apresentadas pelos professores durante um certo numero de annos, e que deviam ser, no pensamento do legislador as chronicas do Instituto, muito pouco se colligiria para uma obra em que a vida deste, ou antes a sua alma collectiva pudesse ser fielmente restituída.

### A memoria do Prof. Phaelante da Camara

Dellas a mais expressiva, e uma das duas ou tres que não se limitaram a simples reproducções de notas obtidas na secretaria, é a de Phaelante da Camara. Este professor deu um desenvolvimento maior ao seu trabalho, orientando-o em fórma a não ser só um resumo dos factos da vida escolar, tambem um pequeno capitulo da sua psychologia; elle o temperou com o sal da tradição anedoctica e lhe imprimiu ainda que no seu estylo apparatuso, a marca que deveria ter de synthese historica da vida intellectual do Instituto. Mesmo assim, o autor dessa memoria não a quiz excluir do numero das que, segundo a sua propria expressão, "parecem criadas no regimen dos jejuns". É realmente, como as outras, tambem a delle nos apparece com a mesma pobreza de subsidios que lhes é caracteristica.

### Archivos silenciosos

Todavia, essas memorias mesmo deficientes são ainda assim a melhor senão a unica fonte historica que se tem a partir de 1854, época em que foram criadas. De todo o periodo anterior a começar de maio de 1828 com a installação do curso juridico no mosteiro de São Bento em Olinda, até aquelle anno, não ha outra noticia a não ser a que chegou até nós pela tradição oral, essa mesma já quasi apagada. Muito pouco haverá que nos possa esclarecer sobre esse periodo. Nem jornaes, nem livros e nem manuscriptos. Os archivos são silenciosos.

E comtudo é de suppor tenha sido a época mais expressiva do carácter de nossa Academia. O espirito de corporação que lhe não é, como dizem, sensível só nessa sua primeira phase—nós veremos isso mais adeante—nos dá a razão de ser da vida universitaria em miniatura que caracteriza o periodo olindense.

### As •filhas legitimas•

Por alguns motivos devia surgir e medrar tambem em Olinda esse espirito de corporação, que se traduz na idéa de se associarem mestres e estudantes, de viverem e trabalharem conjunctamente, e o qual tem as suas origens nas universidades da idade média, de que as do nosso tempo não são senão filhas—“filhas legitimas”—como já foram chamadas. A continuidade historica e a sobrevivencia das tradições já seriam assim um desses motivos—o principal motivo. As tradições são os ultimos élos da ligação entre as universidades de hoje e as universidades medievas de onde ellas são directamente oriundas. Ahi mesmo, onde nada teria existido do meio social que explica a origem e os diversos modos de existencia das universidades da idade média, certos usos, certas formalidades se vêem adoptar e manter. Outr'ora, por exemplo, os novos doutores, eram investidos com o anel, a borla e o chamado beijo de paz; fragmentos desse velho ritual persistiram nas universidades da Europa. Em Coimbra, os medicos e os doutores em direito não deixaram de receber o *osculum pacis*. Em Olinda, e tambem actualmente no Recife, os bachareis são collados com quasi o mesmo ceremonial, o anel e o barrete ainda permanecem. Em Olinda, como em Coimbra de onde elles vieram e aonde, por sua vez, teriam chegado pela tradição dos centros universitarios da idade média, reviveram os mesmos costumes, a mesma vida escolastica, os appellidos academicos, as vaias e as passeiatas dos estudantes: Olinda, diz o barão de Penedo, semelhava a antiga Coimbra, de onde tudo haviam trazido para o nosso curso juridico

os academicos brasileiros vindos da universidade p'ra terminarem ali os seus estudos. Tudo, observa elle, "menos a batina e o gorro".

### Uma nova Coimbra

Só essas duas peças da indumentaria coimbrã não vieram, ou não foram ali admittidas. Phaelante da Camara explica o facto pela differença do nosso clima, pelos grandes calores que exigem aqui o uso do "chapéo de abas largas e tecidos leves". Não me parece a explicação accetavel. Em pleno verão e nos dias mais quentes do Recife, os academicos de ha 30 annos saiam de chapéo alto e fraque ou sobrecasaca preta: era mesmo esse o traje habitual dos que tinham boas mesadas. O traje distinctivo. Antes eu quero acreditar que tenha sido receio de se confundirem com os seminaristas o que levou os academicos em Olinda a não usarem tambem a batina. Já em 1800 quando d. José de Azeredo Coutinho installou o Seminario de Olinda, dizia-se conforme refere um chronista da época, que esse estabelecimento pelo seu programma dos estudos superiores, scientificos, *transformára aquella cidade em uma nova Coimbra*. Isso, de alguma sórte, fundamenta o meu modo de vêr. Que de rivalidades, com effeito, não haveria nessa "nova Coimbra" entre os ultimos e os primeiros detentores do espirito universitario da antiga? Essas rivalidades não são méra supposição minha, basta ler o que na sua memoria historica de 1859 dizia Aprigio Guimarães, p'ra se ter a noção da sua realidade. Ahi o douto professor já exproba "um socialismo que se discute, desassombradamente, nos corredores de São Bento; e onde os discipulos de Platão e Fenelon imaginam corrigir as leis sociaes de Deus". Certo, os academicos de Olinda—esses reformadores das leis divinas—não podiam se revestir da mesma maneira que os mantenedores das ditas leis.

## As «republicas»

Em Olinda — e mais tarde também em Recife — os estudantes faziam vida em *commun*, morando varios delles em um só casa com um criado p'ra lhes fazer as compras e preparar a comida: costume igualmente seguido outróra pelos estudantes francezes. Reuniam-se assim de preferencia os collegas da mesma provincia, o que não excluia como academicos a solidariedade que existia entre todos. A isso chamavam *republicas*. Não haveria ali nessa denominação uma reminiscencia daquellas «pequenas Republicas», como eram chamados, na Renascença, os estabelecimentos universitarios da Hespanha comprehendendo as casas dos estudantes, que também eram privilegiadas? Como se sabe, a independencia desses estabelecimentos era absoluta. Elles gozavam de todas as immuniidades, sendo uma das mais apreciadas a prohibição de fazer diligencias policiaes ou judiciaarias nas habitações dos lentes e estudantes. Como em todas as universidades da Europa, a partir do seculo XII em que ellas receberam uma organização mais ou menos semelhante não só quanto aos cursos e aos estudos, mas também no que diz respeito a corporações de mestres e alumnos o estudante era naquelles centros uma «potencia oppressiva, tyrannica, com a qual deviam contar os poderes publicos», diz um escriptor.

Tambem no nosso pequenino centro de Olinda sem os privilegios e as immuidades das universidades medievas sem jurisdicção especial e sem a independencia das «pequenas Republicas», da Renascença, tão só por força da tradição, pelos fios de ligação multiseccular dessas instituições o estudante se constituiu uma força. Era na Academia que se tinha refugiado em um periodo de revoluções a opposição religiosa e politica — esta, sobretudo, que não seria talvez como órgãos senão os jornaes dos estudantes.

Ha pois, que obter com o conhecimento do passado alguma coisa mais que a simples satisfação ao gosto do pittoresco ou das coisas antigas: com elle se tem, tanto em materia

de instituições universitárias como de instituições sociais, religiosas ou políticas, a confirmação, do encadeamento histórico, da persistência das tradições ligando umas às outras as épocas mais distantes.

### O espirito de corporação em Olinda

Varios outros motivos são apresentados para explicar a formação do espirito de corporação em Olinda. Attribuem-no a circumstancias locais: uma cidade de pequena população sem divertimentos publicos nem distrações familiares, isolada: «os estudantes, diz o barão de Penedo, tinham uma existencia a parte, e dominavam completamente a cidade a titulo de corpo academico». Nada disso, porém, quer me parecer teria influido ou, se influiu, foi de modo secundario. Sem essas causas, o espirito de corporação se teria formado da mesma maneira. E não nasceu elle, e não se formou, nas universidades da idade media, em cidades populosas e cheias de entretenimentos de toda a natureza? Paris era já desde o seculo XII um lugar de delicias—*locus deliciarum*, na expressão de um velho chronista: cidade de perdição, de vicio, da libertinagem, habil de attrahir e seduzir as almas: a capital, como dizia outr'ora o arcebispo de Mayença, que fazia correr «nas veias dos jovens o veneno dos prazeres carnaes». E a esse tempo os pregadores se mostravam severos para os estudantes parisienses, elles, nas objurgatorias dos sermonarios, eram já uns patusqueiros uns frequentadores de *cabarets*, uns devassos que não escondiam antes ostentavam as suas licenciosidades, e não temiam a ninguem». A indignação com que falam os mysticos quando se levantam contra a corrupção dos costumes, diz um escriptor, traduz-se numa crueza de expressão capaz de fazer corar os libertinos.» Esta observação era ditada a proposito do cardeal Jacques de Vitry, morto em 1244. O retrato, entretanto, que esse prelado havia feito dos costumes dos estudantes da Universidade de

Paris, no seculo XII, e que é tão pouco lisonjeiro, parecera ainda a alguns abaixo da verdade.

Nas universidades italianas, os costumes não eram menos censuraveis nem os estudantes menos folgazões. Em Bolonha os exames eram sempre seguidos de divertimentos, que davam logar aos mais graves abusos. Tudo era pretexto p'ra se comer e sobretudo beber. As chronicas estão cheias das mais ruidosas folganças a que se entregavam os estudantes e, não raro, tomavam parte nellas os proprios professores.

Coimbra tambem teve a sua tradição escolastica, e com ella uma intensa vida bohemia. Muitos, porém, dos seus estudantes não souberam dosar bem esses dois venenos: dahi, a dupla intoxicação — da alma e do corpo — que inutilizou a alguns delles.

### O espirito das Universidades

Em Olinda nesse tranquillo «burgo ecclesiastico», como a chamou o sr. Gilberto Freyre, a mooidade reviveu as mesmas tradições — as tradições universitarias de Coimbra — se bem que em ponto pequeno. Em ponto pequeno, e com muito menos intensidade: tambem por isso não se envenenou. O ruido das festanças amorteceu com o som dos sinos mysticos no alto das torres coloniaes; ou se diluiu ao luar das praias na voz das serenatas — tambem uma outra tradição.

Aliás aquelles excessos da vida universitaria de outróra eram devidos ás imunidades de que gozavam as corporações: mestres e estudantes por isso mesmo que tinham amplas regalias se julgavam no direito de tudo fazer; e nada os intimidava. Como quer que seja, nem a vida intensa nem o exaggero de entretenimentos obstaram a que se creasse e se nutrisse nos centros mais populosos o espirito de corporação proprio das universidades.

Não é, pois, plausível que esse espirito se haja constituído em Olinda justamente porque faltassem ali as distrações ou porque a sua população fosse reduzida.

Ha, naturalmente, differenças a estabelecer — e notáveis entre o "esprit de corps" que póde existir nos centros universitarios das grandes cidades, como Paris, e o que reina de uma maneira inconfundível nos das pequenas, como nas cidadesinhas de universidades allemãs que formam um mundo a parte, ou como na de Oxford, que é ella mesma um espirito. Essas differenças podem ser por si o objecto de um interessante estudo, que eu não me proponho, aliás, a fazer aqui.

### A Universidade de Paris

De passagem, porém, bastaria ver como a organização e o ensino dessas differentes universidades se distinguem uns dos outros e, por consequencia, como é diverso tambem o espirito que nelles influe. A Universidade de Paris, por exemplo, superior por muito tempo a todas as outras escolas da mesma ordem, e que tinha como rivaes Bolonha e Oxford, caracterizou-se outróra pelo seu ensino da theologia. *Vade Bononiam vel Parisiis*, dizia o pae de familia aos seus filhos que emprehendiam viagem para uma ou outra dessas universidades conforme os gostos e os recursos. Para Bolonha se dirigiam os futuros juristas: Paris attraia de preferencia os theologos, os philosophos, os que eram então chamados os *artistas*.

### A de Oxford

Oxford poderia chamar-se uma synthese da Inglaterra. Ahi se encontram numa escala menor e com menos dignidade apparente, toda a nação official, suas qualidades, seus vicios, suas vaidades, seus preconceitos, seus abusos. Oxford tem o seu genio tradicional e quasi immutavel que, sob mui-

tos aspectos, resume perfeitamente o genio britannico. Na constituição e nos habitos universitarios estão mais ou menos em relevo os traços essenciaes da Inglaterra, a igreja, o espirito de hierarchia a que applicamos impropriamente aqui o nome de aristocracia, os privilegios do dinheiro. O ensino ahi está hoje muito differente do que era outróra; a vida, o espirito são, porém, os mesmos. Em Oxford, os estudantes não apprendem nada ou apprendem bem pouca coisa do que os programmas indicam, e esses programmas dão bem a idéa do que seja o ensino alto na Inglaterra. Em nenhum outro paiz,ninguem teria a fantasia de os copiar ou imitar, quando mesmo uma copia fosse possivel: o que eu não acredito. Mas os estudantes de Oxford apprendem uma coisa preciosa, a vida ingleza: elles se penetram com facilidade dos principios constitutivos dessa grande existencia politica na qual elles serão alguns annos mais tarde chamados a entrar. Tudo é combinado, instituição, ensino, relações, para extinguir nelles até o germen do enthusiasmo e dos sonhos, nos quaes se accende a chamma das revoluções. Tudo os prepara a reconhecer, a manter esse conjuncto de tradições e de privilegios, de abusos e de liberdades, que os espiritos conservadores proclamam como a verdade absoluta, e que os espiritos liberaes vêm sómente como uma verdade toda relativa; mas de que os mais ousados só muito timidamente tentam procurar isolar o bem e sacudir o jugo.

### As Universidades italianas

Bem differentes de Oxford são já as universidades italianas, das quaes Bolonha vem a ser o seu modelo. Aqui o character positivo da nação se reflecte no ensino; são as sciencias praticas, lucrativas, taes como a jurisprudencia romana e canonica, e a medicina, que sobresaem; não houve jámais na Italia uma escola theologica, isto é, de escolastica e de philosophia que se podesse comparar, mesmo de

longe, pela consideração e numero dos alumnos, com a universidade de Paris ou a de Oxford. Tambem, nenhuma universidade italiana, apesar da sua constituição toda democratica — os estudantes formavam outróra uma corporação e elegiam seus superiores — chegou a gozar dessa importancia, dessa autoridade no Estado e na Igreja, que as universidades inglezas possuiram quasi em todo o tempo, e as universidades francezas de espaço a espaço. A organização das escolas italianas era menos rigorosa, mais instavel : assim — eis ahi um symptoma curioso — a litteratura italiana a partir de Dante e durante os tres seculos que seguem sua morte se desenvolveu em grande parte fora das universidades e em uma completa independencia.

### As das pequenas cidades allemãs

Das universidades francezas, inglezas e italianas, differem essas universidades das pequenas cidades allemãs que formam, como eu disse, um mundo á parte, um mundo onde reinam idéas e costumes particulares, que os estudantes ahi deixam com o classico bonet de cór, a espada, as botas de couro e as insignias da corporação. Essas velhas universidades germanicas têm por assim dizer um duplo passado : suas tradições scientificas, a parte que tomaram na Reforma e na diffusão dos conhecimentos humanos ; depois, ao lado, suas tradições alegres. Podem nos mostrar uma antiga sala onde tinha o seu curso um prégador da Reforma ; mas hão de nos mostrar tambem os *cabarets* enfumados onde os estudantes celebravam as ceias *pleno poculo et in dulci jubilo* ; hão de nos mostrar as ruas estreitas e tortuosas em que desde tempos immemoriaes ondeiam, caida a noite, os cortejos luminosos, ao som do velho canto *Guadeamus igitur* ; podemos ver os logares de recreio situados ao redor da cidade onde, como outróra, elles brincam ou se batem em duelo, o que

é o mesmo. Em summa, a universidade tem um duplo perfil, e pede ao mesmo tempo um capitulo na historia da cultura intellectual e na historia dos costumes.

### As Universidades hespanholas

As universidades hespanholas criadas depois da de Salamanca apresentam pontos de semelhança com os *studium generale* da França e da Italia, mas seria erro acreditar numa cópia literal. Ao contrario, o que se deve inferir dos rescriptos reaes, é que essas universidades tiveram uma organização que lhes é propria, e que não é francamente, nem a de Paris, nem a de Bolonha. E' a bispos, é aos deões das cathedraes e aos priores dos conventos que os fundadores recorreram, quer, como São Fernando, para criar uma jurisdição universitaria, quer, como Affonso X, para confiar, em mãos seguros a gestão financeira. Ahi não se trata ainda de uma corporação de estudantes independente e autonoma — traço caracteristico das universidades italianas; e, quanto aos papas, limita-se o seu papel, na maior parte dos casos, a consagrar o que já existe, pela só vontade real ou municipal; não é o mesmo que acontece com as universidades da França, onde a Santa Sé provoca ás vezes, a criação do *studium generale* e concede cartas, como, por exemplo, em Montpelier, em Toulouse e em outras. Mas o traço, com que melhor se póde differençar as universidades hespanholas das demais universidades da Europa, é a meu ver o seu destino. Esse destino foi bem tragico — póde se dizer. Após haverem gozado de uma consideração immensa, a principio, em toda a Europa, soffreram, logo, uma quéda profunda. No seculo XVII, -- ellas estão já em plena decadencia: o apparatus imponente, os collegios numerosos, as prebendas consideraveis, as bibliothecas, as controversias doutoraes, isso não se acabou; mas esse corpo não tem mais alma. Discute-se ainda, como faz ver um escriptor: não se ensina mais,

## Coimbra

Coimbra tem também a sua physionomia propria, os seus traços peculiares, que a distinguem das outras universidades europeas. Faltaram-lhe desde o começo os collegios que são, pode-se dizer, a raiz mesma da arvore universitaria: isso só já seria bastante para differenciar-a, se outras dessemelhanças não existissem.

Em conclusão: todas essas instituições guardam entre si as suas diversidades características, embora ellas realmente se assemelhem por certos lados. Em todas o espirito de corporação é visível, variado, entretanto, nas suas manifestações.

### O sentimento religioso

Não se conhece no curso juridico de Olinda, apesar de sua installação e permanencia por muitos annos no mosteiro de São Bento, nenhuma exteriorização commum de sentimento religioso, isso que irá apparecer mais tarde em sua mudança para o Recife. A fé religiosa era ali individual, não era collectiva, com o espirito de corporação não se havia ainda formado um ideal religioso unindo mestres e estudantes. Também, nenhuma affirmação de ordem litteraria, ou philosophica, partindo da corporação, anima esse periodo: e só depois se verá surgir igualmente no Recife um e outro desses movimentos.

Por que teria sido então isso? Tanto num caso, como noutro, para o não apparecimento de um ideal religioso, como para a ausencia de uma expressão litteraria ou philosophica, uma dupla razão me parece teria existido. Primeiramente, a natureza do ensino ministrado no Curso Juridico. Este ensino era quasi exclusivamente pratico, diz-nos Joaquim Nabuco. "Aprendiam-se as ordenações, regras e definições de direito romano, o codigo Napoleão, a praxe, principios de philosophia do direito, por ultimo as theorias constitucionaes de Benjamin Constant, tudo sob a inspiração geral de Bethman...

Essa instrução não era propria a fazer nascer o gosto pelos problemas transcendentales e especulativos ou ainda pelos thomas de puro interesse litterario, que apaixonariam mais tarde a mocidade do Recife.

### O jornalismo academico

Depois, os estudantes de Olinda haviam muito cedo entrado na actividade politica e na vida da imprensa, tinham-se feito jornalistas partidarios,—e as folhas em que escreviam, o «Olindense», o «Eco de Olinda», a «Vóz do Povo», a «Vóz do Beberibe» o «Velho de 1817», são uma prova disso.

O jornalismo academico tinha, nessa época, um feitio claramente politico e de timbre reaccionario: factores sociaes diversos, numa phase de transição e de lutas internas pela causa da unidade nacional, lhe determinaram essa feição. Como diz Joaquim Nabuco, eram esses pequenos jornaes folhas exclusivamente politicas, contendo apenas dissertações rhetoricas sobre theses constitucionaes e, ás vezes, em paragraphos soltos, verrinas condensadas. Ainda se não vislumbra ahí sequer um indicio desse talento puramente litterario que depois se tornará nos centros academicos o estalão—uma como craveira intellectual por onde se ha de medir o valor dos escriptores. E' verdade que esse genio propriamente litterario começa já a apparecer nos derradeiros annos da Academia em Olinda. No numero inicial do «Phileidemon», jornal que Alfredo de Carvalho considera o primeiro ensaio sério de jornalismo litterario em Pernambuco, e no qual escrevem, entre outros, João Lustosa Paranaguá, Fernandes da Cunha, Ferreira do Valle, Adriano José Leal, Pereira Franco, Silveira Lobo e Cesar Berredo, lê-se na introduccção, assignada pelo medico maranhense e quintannista de direito, Dr. Carlos Fernandes Ribeiro: «E' mistér que os alumnos do Curso Juridico de Olinda contribuam quanto antes com o seu contingente tal ou qual para a gloriosa empreza do derra-

mamento das luzes pelo nosso paiz e promoção da sua civilização, unica base inabalavel do seu futuro engrandecimento". E o primeiro numero do "Polymathico" redigido por Jeronymo Cabral, A. N. de Almeida Castro, M. C. Carneiro da Cunha, Ivo Miguelino, A. R. Torres Bandeira e Francisco José Rabello, promette no seu programma fornecer aos leitores—"ao par das noções e doutrinas scientificas, noções e doutrinas sobre a litteratura e as bellas artes"...

Mas não é senão com a mudança da Academia p'ra o Recife, que vão surgir desse incipiente espirito litterario as expressões mais vivas.

Não recebendo nas aulas do Curso Juridico nenhuma tentação p'ra se perder em abstracções, e não lhe permittindo a arena ardente da imprensa o socego p'ra leitura dos autores theoricos, como esperar do corpo discente um movimento dessa natureza? Quem poderia meditar ou sonhar no meio da polemica febril do jornalismo, cujas lutas quotidianas atraiam tão poderosamente os jovens estreiantes?

Joaquim Nabuco resalta a feição pratica do ensino de Olinda, o seu character muito pouco scientifico, para poder affirmar que: "a pleiade saída nos primeiros annos dos novos cursos juridicos não aprendeu nelles, mas por si mesma, o que mais tarde mostrou saber". Essa pleiade era a de que fizera parte Nabuco de Araujo, e a que pertenceram, entre outros, Euzebio, Ferraz, Souza Franco, Sinimbú, Carvalho Moreira, Zacharias, Wanderley, Sergio Teixeira de Macedo, essa a primeira geração politica que deu ao paiz legisladores e homens de governo; mas a em que o autor de "Um Estadista do Imperio" se recusa a ver, na sua formação mental, a influencia da velha escola. Entretanto, era o estudo academico daquelle tempo, como dizia o barão de Penedo, um estudo sério e proveitoso. Figuravam "com grande brilho" no corpo docente os doutores Pedro Autran e Moura Magalhães. Mais tarde entraria para o seu seio Paula Baptista, já filho da mesma Academia.

## Lourenço Ribeiro e a Constituição

Leccionava com muito bom senso o Direito Publico, explicando a Constituição politica do Imperio, o conselheiro Lourenço José Ribeiro. Elle havia sido, como director interino, o inaugurador do Curso Juridico no mosteiro de São Bento. Suas prelecções eram publicadas nos jornaes: todo o mundo as lia. Ellas tiveram uma vasta repercursão, produzindo o melhor effeito no meio e num momento de agitações partidarias as mais intensas. «Concorreram, diz Pereira da Costa, para acalmar os animos exaltados dos partidos porquanto a Constituição era olhada com horror não só pelos absolutistas ou *corcundas*, como pelos proprios liberaes, democraticos, republicanos. Os primeiros receiavam que pelas suas demasiadas franquias politicas viesse a degenerar em um governo republicano; e os segundos a detestavam, por causa do poder moderador, que consideravam hostile ás liberdades publicas, um despotismo encoberto, mascarado.»

Mas os opportunos commentarios do antigo lente á nossa primeira Carta Politica tiveram ainda uma efficiencia ainda maior. Ao influxo das suas lições formou-se o partido constitucional, que conseguiu vencer todas as difficuldades politicas do tempo e evitar, por esta maneira, o fraccionamento da nossa nacionalidade.

### O estudo juridico na Academia de Olinda

O estudo juridico professado na Academia de Olinda não era de modo nenhum especulativo, elle não era tão pouco indifferente á vida nacional—assim o vimos.

Ruy Barbosa, falando na Academia de S. Paulo, disse uma vez que o direito nunca se regulou ahí em textos este-reis e mortos, e que o tirocinio escolar, naquella cidade, sempre se animou ardentemente do espirito de luta, de civilismo e de reacção liberal.

Da escola de Olinda — “a perola do Norte, não desluzida jámais do seu oriente”, na phrase do nosso grande orador — nós poderíamos aqui dizer a mesma coisa. Tambem o nosso magisterio, incumbido de diffundir a cultura juridica de onde resulta a formação dos sentimentos de maior relevancia para a vida social, não deixou de exercer e com igual influencia ainda que em espaço menos amplo — a sua elevada missão.

Foram, a meu vêr, o ensino de Olinda depurado de exageros doutrinarios e a escola preliminar de politica partidaria dos estudantes academicos, que prepararam para os triumphos da carreira publica uma grande parte da mocidade mais intelligente daquella época. A geração anterior vinda de Coimbra era toda ella composta de ideologos — de utopistas diria melhor — e a seguinte, sel-o-ia da mesma maneira. A que se formou em Olinda nos primeiros annos do curso deu para a vida pratica muito maior numero de homens notaveis que aquella que fez mais tarde no paiz uma revolução nas idéas e no pensamento. Assim, os theoricos, os revolucionarios, os idealistas appareceram depois. A geração a que me refiro se não se mostrou inteiramente extreme de algumas utopias, que teria porventura aprendido, aprendeu pelo menos, tambem a desdenhar dellas, e a condescender e capitular com a realidade. Por isso ella não se perdeu no sonho: não foram os seus representantes jámais esses “idealistas utopicos” de que fala em um interessante estudo o sr. Oliveira Vianna.

### Idealismo organico

Aliás, neste escriptor mesmo, para quem a geração que succedeu á primeira da independencia e agiu nos iniciaes decennios do 2.º Imperio teria herdado o mesmo idealismo “utopico” da antecessora, eu encontraria o melhor apoio ao meu pensamento nas restricções que elle proprio faz e que são quasi que annullatorias da sua opinião. Assim, diz o sr.

Oliveira Vianna no seu estudo—Idealismo na evolução politica do Imperio e da Republica:

«O seu programma (o programma do partido progressista de 62), era um programma moderado. Inspiram-no homens da estatura de Zacharias, Theophilo Ottoni e o futuro Rio Branco. Não queriam a descentralização politica, embóra pleiteassem a descentralização administrativa no que se mostravam prudentes e sensatissimos». Mais adiante :

»Ao problema da organização das liberdades davam-lhe uma solução racional, mais ou menos inspirada na experiencia, propunham uma organização judiciaria, em que uma magistratura independente e assegurada na sua autonomia dizia do direito, fóra das sugestões do faccionismo. Propunham mais: a separação da magistratura e da policia, que a lei necessaria, mais violenta, de 3 de dezembro de 41 havia lamentavelmente confundido». E conclue deste modo:

«Como se vê, utopistas quanto ao problema da organização administrativa, quanto ao da soberania do parlamento, os progressistas no tocante á organização das liberdades civis, se mostravam perfeitamente razoaveis, objectivistas, praticos— e o seu idealismo neste ponto offerece os caracteristicos de idealismo organico». E o «idealismo organico» é para esse eminente sociologo o que é para Ingenieros o «idealismo fundado na experiencia» isto é, uma como antevisão da realidade futura—o idealismo que representa, como observa Julio En-dara, citado pelo snr. Oliveira Vianna, uma força moral inspirada no desejo de melhorar o real e não uma simples doutrina metaphysica abstracta».

Não podiam ser idealistas «utopicos» aquelles estadistas, saídos da geração dos primeiros annos de Olinda, que conceberam, pelo espirito de Nabuco de Araujo, idéas tão praticas e tão em harmonia com a nossa realidade como as que ficaram enfim crystallizadas na Reforma Judiciaria de 71. E a proposito disso escreve o sr. Oliveira Vianna, no seu alludido trabalho: «O facto desta reforma liberal ser rea-

lizada por um gabinete conservador (o gabinete Rio Branco) é mais uma prova de que os progressistas de 62 e radicais de 68, neste ponto, não praticavam o idealismo utópico mas, sim, um sadio idealismo orgânico».

Também não sei se terá inteiramente razão o sr. Oliveira Vianna nos dois únicos pontos, a que elle circumscreveu a critica de seu «idealismo utópico» referente aos nossos homens publicos daquela época, e que são: a soberania parlamentar e a descentralização administrativa. Quanto a esta ultima é o proprio sr. Oliveira Vianna que nos diz na sua obra — Evolução do povo brasileiro, — «que ella não era só uma pura formula theorica ou um sonho de visionario, mas também era a expressão de um «estado de alma nacional» irrecusavel.

«Ha muita suggestão doutrinaria e exotica nesse appello á descentralização, escreve o sr. Oliveira Vianna. Ha, porém nelle um innegavel fundamento nacional. Dá-se aqui uma coincidência entre as theorias politicas e a nossa realidade americana. Os descentralizadores — federalistas, municipalistas, liberaes enfim — não são apenas theoristas ou sonhadores: elles exprimem também um estado de alma nacional. Os principios de philosophia politica, com que justificam a descentralização, o federalismo, o *self-government*, colorem ambições mais intimamente radicadas á terra e ao povo: são uma demonstração doutrinaria de um estado moral que tem suas origens nas realidades do proprio meio».

Tudo isso está dito magnificamente, é certo; mas é uma outra restricção — e das mais consideraveis — que o autor faz ainda á sua these.

Não sei como chamar utópico a um espirito como o de Euzebio de Queiroz: espirito conservador, energico, conhecedor de homens e lidando unicamente com factos: — elle foi a antithese, justamente, dos que lidam só com idéas ou não conhecem o mundo real,

Fantasia não sei como seria o barão de Penedo, um dos autores e o redactor unico desse Regulamento 737, ainda hoje a mais perfeita e tambem a mais pratica de nossas leis.

Ideologo não podia ser o barão de Cotegipe, talento que se fez fóra dos livros, inimigo nato da erudição, politico para quem só a experiencia e o exito mereciam estima; que não fazia caso de idéas puras, e sabia vencer sempre em si o instincto do reformista. Sinimbu era a negação mesma do puro idealista: nunca foi homem de estudos nem de gabinete; preocupavam-no sobretudo os problemas relativos ao desenvolvimento material do paiz.

Quem pode negar ao barão de Uruguayana—o inspirador da politica financeira de 1860 e o incansavel ministro da Guerra na guerra do Paraguay—as qualidades de um homem de governo pratico e previdente?

De Zacharias de Góes creio não ha quem ignore que elle era um frio temperamento de politico partidario, indifferente a idéas, insensivel, uma intelligencia aguda e culta, mas sem imaginação; um espirito de combatente opposto ao de sonhador.

Idealista theorico, «utopico», não foi pois, nenhum desses homens publicos que se formaram em Olinda na phase inicial do seu Curso Juridico. Delles, uns, como Nabuco de Araujo, teriam sido idealistas positivos, praticos ou «organicos» na expressão do snr. Oliveira Vianna; outros exclusivamente objectivistas, mas todos homens da realidade.

### Os puros idealistas

A geração dos puros idealistas viria muito depois:—essa geração de idealistas literarios antes que politicos—e da qual foram as principaes figuras Castro Alves, Tobias, Palhares, Sylvio Romero, Araripe Junior, Franklin Tavora, além de outros,

Antes disso, porém, antes dessa agitação puramente literaria a Academia, ao installar-se no Recife, tomou uma feição claramente religiosa, não tanto no ensino, como na parte que tomavam nas ceremonias do culto catholico lentes e estudantes, o que, como acima notámos, não se tinha produzido durante a sua permanencia em Olinda. Os estudantes, tendo fundado a Irmandade de Nossa Senhora do Bom Conselho—a padroeira da Academia—fizeram, como refere Pereira da Costa, a trasladação da imagem da Igreja do hospicio da Penha para a do Convento de S. Francisco, em procissão “solemne e pomposa”, a ella tendo assistido os lentes, o director, e o bispo da Diocese. Pairava no ar o espirito de religião: todos como que estavam delle mais ou menos impregnados. Escrevia o dr. Braz Florentino a sua proposição contra o casamento civil; e o velho conselheiro Autran ia ajudar a missa, vestido de casaca e trazendo ao pescoço uma larga fita escarlate com a effigie da padroeira, insignias da confraria academica.

Difficil seria explicar, talvez, o apparecimento desse mysticismo na geração nova da Academia, sem admittir a influencia lenta, subtil, irresistivel, do meio onde se formaram e viveram durante varios decennios as gerações anteriores. A alma tradicional de Coimbra revivescida ao sopro espiritualista da vida olindense, seria assim a força mysteriosa que fazia ainda irromper fora do seu ambiente as idéas nelle nutridas.

Como quer que seja, essa demonstração de um só ideal religioso impulsionando ao mesmo tempo alumnos e mestres, é uma prova, a meu ver,—e não a unica—de que o espirito de corporação não havia de todo desapparecido, nem começára mesmo a declinar, com a mudança da Academia para o Recife.

Neste ponto, ainda, eu estarei em divergencia com a opinião geral; mas dou as razões porque della divirjo.

Não só por essa manifestação collectiva de um mesmo

sentimento religioso, também pelo entusiasmo cívico em que estudantes e lentes se acharam identificados ao tempo da guerra, tem-se a certeza de que não estava ainda amortecido na Academia do Recife aquelle espirito de corporação que animara o Curso de Olinda. Era, nessa época — tão cheia de vibrações patrióticas — que o dr. Trigo de Loureiro se apresentava ao governo a frente dos seus discipulos vestindo a farda de voluntario da patria e disposto a ir bater-se por ella nos charcos do Paraguay.

### A «Tugentbund» pernambucana

Nesse mesmo tempo organizavam os estudantes uma sociedade patriótica, secreta, a *Tugentbund* — imitação das *Tugentbunde* (associações de virtude), fundadas pelos estudantes das Universidades allemãs, por occasião das guerras napoleonicas. Como se sabe, não eram só os estudantes, também os professores das universidades teutonicas, que se alistavam nas fileiras dos combatentes, e partiam para a refrega, recitando as canções de Arndt, de Koerner ou de Schenkendorf.

A Academia do Recife foi uma das primeiras a chamar as armas para a desafronta da honra nacional ultrajada. Como Kieser na famosa universidade de Iena, aqui o nosso antigo professor de direito civil entrava também na lista dos voluntarios e se lançava com os seus discipulos na onda do entusiasmo geral, entoando igualmente os cantos dos nossos poetas. Castro Alves declamava entre os mais vivos applausos, no Theatro Santa Isabel, o seu vibrante hymno aos academicos voluntarios, e do qual, só alguns versos, que ficaram na memoria do seu amigo e também poeta Regueira Costa, nos são hoje conhecidos.

A *Tugentbund* pernambucana tinha um curioso ceremonial tomado ao rito maçónico e um tanto cabalístico; mas, ao mesmo tempo, desanuviado por algumas expressões ditas em

um latim macarrónico, que lhe davam muita graça. A influencia que exerceu esta sociedade, sobretudo no começo, foi grande: della partiu a idéa do corpo académico se alinhar ao lado dos defensores da patria. Foram seus fundadores Carneiro Villela, José Hygino, Gonçalves Ferreira, Domingos Pinto e Feliciano Pontual. A *Tugentbund* tinha como órgão na imprensa a "Ilustração Académica", periodico que durou pouco. Figuravam como principaes associados, entre outros, Amorim Garcia, Braz Florentino, Fiel Grangeiro, Gonçalo Faro e Sancho Pimentel. Para o fim a sua feição era já menos guerreira que literaria: centro de oradores e poetas vagamundos que "discursavam e faziam versos a proposito de tudo e mesmo sem proposito", como diz Phaelante.

### A Escola de Recife

E ainda um signal de sobrevivencia do espirito de corporação da Academia do Recife, é aquelle movimento literario que apaixonou sobretudo os estudantes, mas em que tomaram parte alguns professores, ao tempo da poesia condoreira, vem a ser de 64 a 70; — o periodo mais brilhante da nossa Academia e o de mais expressiva idealidade.

A geração de academicos desse tempo, essa, sim, era toda ella de idealistas. Não eram politicos, como eu disse, os que nella se sobressairam; eram apenas literatos: poetas, criticos, romancistas. Dessa geração saíra Tobias Barreto; mas tarde, em 82, elle seria nomeado lente, e se tornaria o arauto das "novas idéas".

Mas, é preciso não confundir este periodo de Tobias já professor, em que o movimento intellectual que nelle se opera é mais, por assim dizer, philosophico, — o do germanismo na Faculdade — com aquelle outro de que trato agora e em que o movimento é puramente litterario — o mais bello periodo ao meu entender de toda a historia da Academia. Tobias e Castro Alves fundam ainda estudantes a escola con-

doreira; é a phase da poesia nova, a um tempo impregnada de emoção lyrica e sopro patriotico. Recife é nessa época uma cidade de intensa vibração intellectual, e a Academia o maior centro irradiador de espiritualidade em todo o paiz. Revistas e jornaes exclusivamente literarios ahi circulam; publicam-se livros de poesias e de critica; levantam-se discussões sobre literatura; as livrarias expõem as obras dos melhores autores classicos e romanticos; a vida social recebe com esse desabrochar de intelligencia um brilho novo.

Esse periodo exclusivamente literario de que aqui falo, foi immediatamente precedido pela phase passageira dos oradores bombasticos, dos palradores de que Phaelante diz na sua "Memoria Historica", que "enramavam o espirito com filigranas confiando muito menos no vigor da sciencia do que nos effeitos decorativos da phrase ou nos fogos de artificio da rhetorica".

Durante esse curto tempo de transição apparecem e desaparecem varios jornaes academicos puramente literarios redigidos por professores e estudantes dos mais distinctos da época. E' o "Atheneu Pernambucano", orgão da sociedade scientifico-litteraria do mesmo nome fundada em 55, por diversos alumnos da Academia sob a presidencia do lente Joaquim Villela de Castro Tavares; este jornal tem a collaboração dos estudantes Henrique Pereira de Lucena, Francisco de Carvalho Soares Brandão, Franklin Tavora, Theodoreto de Faria Souto, e de alguns mais. E' o "Academico do Norte", redigido por Jacintho Pereira do Rego, João Coimbra, Pergentino Galvão e outros. E' o "Onze de Agosto", de cuja redacção fazem parte Tavares Belfort, e Borges Carneiro. E' o "Arauto Literario"; é o "Preludio Academico"; é o "Iris Academico", de Aristides Lobo com a collaboração de A. R. de Torres Bandeira; e, finalmente, o "Lidador Academico", redigido, sob a direcção do lente Tarquino Braulio de Souza Amarantho, por Catão Guerreiro de Castro, G. Guennes da Silva Mello, Firmino Soares e outros academicos.

Neste ultimo jornal publicou Castro Alves a sua celebre poesia "O seculo", recitada pela primeira vez, em a noite de 10 de agosto de 65, no salão de honra da Faculdade, que estava então installada no velho casarão da rua do Hospicio. Cerca de dois annos depois, o autor das "Espumas Fluctuantes" lia no theatro Santa Isabel perante a companhia do actor Coimbra e com a assistencia de um auditorio escolhido, onde se viam Soares de Azevedo, Torres Bandeira, Apri-gio Guimarães e outros literatos, o seu famoso drama *Gonzaga*, o qual havia sido escripto no nosso poetico e tranquillo arrabalde do Barro, durante as férias de 66, em que elle ali residiu. "Habitava uma casinha, conta Regueira Costa, situada em ponto pittoresco e onde podia expandir a sua imaginação como effectivamente o fez, inspirando-se naquella natureza pujante de vida a offerecer-lhe os mais variados quadros para a composição do seu drama. Assim foi que, segundo me dizia, o esplendido cannavial de um engenho proximo lhe forneceu as tintas para a bellissima descripção da scena 3.<sup>a</sup>, acto 4.<sup>o</sup>, do *Gonzaga*".

A esse tempo, já o admiravel surto intellectual, que na historia das letras brasileiras recebeu a denominação de — Escola do Recife, havia chegado á sua maior altura.

Com a publicação do — "O Futuro", periodico literario redigido por Castro Alves, Maciel Pinheiro, Aristides Milton e Alves de Carvalho e do jornal tambem literario "O Academico", de Tobias Barreto, Jansen Ferreira Junior, Casimiro Borges e outros, fechava-se, como diz Alfredo de Carvalho, o cyclo do velho romantismo: já não mostravam os seus ultimos representantes o mesmo enthusiasmo febril dos antigos certamens. "O Futuro", escreve o actor dos "Annaes da Imprensa Pernambucana", foi o primeiro periodico que concretizou nitidamente os esforços tendentes a nacionalizar entre nós o phantheismo amplissimo e a linguagem vigorosa e esplendente de Victor Hugo; nas suas columnas tiveram primeira edição varias das mais applaudidas poesias de Castro Alves

e nos artigos em prosa dominava o estylo metaphorico, sobrecarregado de imagens audaciosas, estylo cujas qualidades foram mais tarde exageradas até o absurdo e o ridiculo».

Recife tem, assim, a gloria de haver servido de centro ao movimento intellectual dessa época, e com isso se elevou a uma altura tal como nenhuma outra cidade brasileira em nonhum outro tempo. Certo, é um quadro admiravel e um contraste muito sensível ver irromper desse foco tão tranquillo e modesto uma luz tão intensa; e seria instructivo assistir pelo pensamento cu na lembrança a essas revoluções do espirito, obra de alguns jovens em quem o fulgor da idade iguala a inspiração e o genio. E' verdade tambem que o pouco de extensão mesmo do logar, favorecendo assim e especializando essa centralização ideal, tornava mais facil em seguida a expansão e o desenvolvimento daquellas bellas criações.

Com a rivalidade que não tardou a se produzir entre os dois chefes da escola condoreira, a agitação intellectual fez-se ainda maior. Surgiram os partidos; e os partidarios de um ou de outro lado tinham o mesmo entusiasmo, a mesma exaltação. Era o momento em que no theatro Santa Isabel, Tobias e Castro Alves, como dois repentistas num original encontro, improvisam as odes candentes com que se batiam, pondo em uma só vibração toda a platéa. Era uma especie de desafio, ou melhor, de duello poetico, substituindo cavalheirosamente a esgrima ou a luta romana.

Em tempo nenhum os estudantes da nossa Academia mostraram gosto pelos exercicios do corpo: isso já havia sido observado por Joaquim Nabuco, quando se referia ás distrações em Olinda que não passavam de palestras de passeios ao Recife, das festas populares, das estudantadas nocturnas e de funcões theatraes. Quanto a estas, eram os proprios academicos que faziam ali as representações; e o barão de Penedo recorda a proposito como Nabuco de Araujo desem-

penhava tão bem o seu papel de major Francal no *Desertor Francez*, «drama muito apreciado naquelles tempos».

Elle iria depois receber outras palmas á luz de uma nova ribalta—a da politica de que foi uma das nossas mais salientes personagens no palco do segundo reinado.

Durante cerca de dois decennios Olinda teve o seu theatro academico que funcionava numa rua parallela a de São Bento, com um scenario regular e um numero sufficiente de cadeiras na platea e nos balcões. Nelle se levou á scena, em 11 de agosto de 46, o «Elogio Dramatico», escripto por Antonio Rangel de Torres Bandeira—peça allusiva á criação dos Cursos Juridicos. Varios outros dramas—alguns mesmo muito difficeis—chegaram a ter ahi, segundo o testemunho de um espectador desse tempo, uma correcta interpretação. Eram principaes actores os academicos Buarque de Nazareth, Nunes Gonçalves, Agnello Ribeiro, Ferreira Franco, Souza Reis, Sebastião Braga e Fernandes da Cunha que seria mais tarde um dos nossos grandes oradores na tribuna parlamentar.

Transferidos para o Recife, os academicos trocaram a scena pela platea; mas ainda ahi, em seus certamens poeticos, elles buscavam conquistar não só o amor das actrizes, como tambem os applausos dos outros espectadores. Alguns delles, como Alfredo Pindo e Annibal Falcão, se tornaram autores theatraes; mas as suas obras dramaticas ou não chegaram a ser representadas, ou o foram por estranhos á Academia, havendo o theatrinho academico desapparecido. Todavia, os estudantes do Recife não deixaram de tomar parte em algumas representações theatraes, impellidos por motivos de caridade. Em 78, refere Phaelante, os academicos Pepes de Vasconcellos e Moncorvo figuraram na representação, no theatro Santa Isabel, de um drama extraido dos «Miseraveis» de Victor Hugo. Seis annos depois, um grupo de academicos abolicionistas levava á scena, no mesmo theatro, em beneficio da sociedade *Ave Libertas*, o drama de Castro Alves, *Gonzaga ou a Revolução de Minas*; eram elles Cyridião

Durval, Pedro Vergne, Cardoso de Castro, Adalberto Guimarães e ainda outros.

Não me lembro, no meu tempo da Academia, de um só espectáculo em que os estudantes representassem. Recordo-me de algumas festas theatraes, que os academicos offereciam a artistas de companhias dramaticas ou lyricas, quando faziam aqui as suas digressões. Em 94, no theatro Santa Isabel, a mocidade realizou um bello festival em honra da grande artista lyrica Luiza Fons, offertando-lhe em scena uma expressiva coroa poetica: era o numero unico de um jornal que tinha o nome mesmo da actriz festejada. O jornal "Luiza Fons" era todo composto de pequenas produções em verso assignadas por Tito Rosas, França Pereira, Odilon Nestor e outros academicos.

Tambem as estudantadas tradicionaes foram pouco a pouco desapparecendo desde que a Academia mudou para o Recife. Ellas não eram em Olinda senão uma copia já muito esmaecida das ruidosas mascaradas medievaes a que os estudantes de Coimbra appellidavam de *soiças* e com ellas se divertiram ainda largos annos na sua encantadora cidade. Vestidos nos seus trajes escolares, as espadas pendentas do cinturão e pequenas mascaras presas ao rosto, os rapazes da lendaria universidade do Mondego, caminhavam segundo rezam as chronicas, de um a um pelas ruas estreitas, ou se movendo em espiraes pelas praças, á luz dos archotes e ao som das violas, dos pandeiros e das guitarras, uns escarranchados em burricos, agitando outros lanças ou ostentando enormes capacetes de barro.

As noitadas jubilosas dos nossos primeiros academicos em Olinda não se pareciam nada com isso. Não tiveram já-mais essa animação carnavalesca das *soiças* e a sua alegria mesma era já bastante differente. Não se mostravam tão estrepitantemente cheias de vida. Seriam talvez menos alegres, ellas eram, certamente, mais impregnadas de poesia.

### As serenatas ao luar

Os estudantes olindenses faziam as suas serenatas ao luar, cantando modinhas ao som dos violões e das flautas, pelas praias brancas, ou pelas ruas ladeirentas e ao longo dos muros altos da velha cidade, cheios de sombra e de luz. Ou, em outras noites, elles celebravam num convivio familiar, entre as expansões de um contentamento discreto, as suas festas tradicionaes que se prolongavam até o amanhecer.

Numa noite de brincadeira mais animada é que elles teriam talvez feito o furto de que os nossos avós guardavam a memoria e que nos ficou assim conhecido. O caso fôra este; contigua a uma *republica* de estudantes havia ali uma casa em cujo quintal murado se tinha pesto um carneiro a engorda. Os estudantes residentes na *republica* tiveram a idéa de furtal-o e a puzeram em pratica, usando de um astucioso ardid. Assim contaram ao dono da casa que um de seus companheiros, estando embriagado e tentando, completamente despido, saltar por cima de um muro, havia caido para dentro do quintal visinho e se achava ali estendido.

Pediam-lhe permissão para o retirar de forma que elle não fosse visto naquelle estado. Dada a licença pretendida, os estudantes foram ao quintal, agarraram o carneiro e o metteram, as patas amarradas, dentro de uma rede que fecharam com toda a cautela. De volta, ao passarem pela sala, como o carneiro ouvisse a voz do seu dono, soltou um baido. E o bom homem, num tom entre de ironia e de pena:— Como vae essa alminha que até parece um carneiro a berrar!

### Ausencia de cultura physica

Não só em Olinda, tambem no Recife, dizia eu, os estudantes nunca tiveram paixão pelos exercicios do corpo.

O contrario disso, é o que se observa com relação a cultura physica nas Faculdades da Europa. Nas Universidades

da Allemanha, por exemplo, como em todos os estabelecimentos de instrucção publica desse paiz, a saude e o desenvolvimento physico são o objecto de uma especial vigilancia. Os exercicios corporaes são tidos em grande conta. Chegados á Universidade os estudantes aprendem, como se sabe, a manejar o florete. O uso dos duelos se conservou entre elles: uso tolerado e regulado mesmo pelos governos. Esses duellos geralmente são poucos serios; mas, a consideral-os só sob o ponto de vista physico, elles contribuem pelo menos a dar aos rapazes agilidade e força. Tambem, desde meninos elles se habituam ao exercicio militar com armas apropriadas a sua estatura e as suas forças, sob a direcção de homens de officio.

O periodo das ferias é bastante longo p'ra que possam se realizar as excursões ao campo. Os professores allemães empregam de ordinario as férias p'ra viajar. Elles dizem que o seu methodo p'ra se manterem em boa saude, apesar da assiduidade em geral muito grande com que trabalham, consiste em mudarem de ar de tempos em tempos. Fazem essas excursões ás vezes a pé. Os estudantes, de seu lado, quando vêm as férias, partem em grupos de dez, quinze, vinte, p'ra fazer explorações a pé nas montanhas e nas florestas. A hygiene escolar tem sido na Allemanha o objecto de numerosos estudos que os governos estão a pedir sempre aos homens competentes.

Aqui, no nosso pequeno centro academico e na phase a que me reporto—phase a um tempo de guerra e de poesia—os estudantes alistam-se nos batalhões de voluntarios, mas se exercitam tambem nos torneios da palavra; e esta ora é vehemente, ora suave; ora é um hymno, ora um madrigal.

E já por esse só aspecto se pode vér como o espirito universitario allemão é bem differente do nosso. Assim, no que toca unicamente a esse ponto o espirito do ensino e da educação publica na Allemanha é formar homens sadios e vigorosos, duros á fadigas; entre nós nunca foi esse o seu ob-

jectivo. E se fossemos a estender mais longe o nosso confronto, haviamos de ver, tambem sob outros pontos de vista, ainda outras differenças.

Não só por este unico aspecto já encarado, mas ainda pelo lado moral, religioso, politico, intellectual, haveria talvez muito que apreciar.

No seu aspecto moral, o que caracteriza a educação publica na Allemanha, é o cuidado de inculcar nos moços o espirito de disciplina. É o esforço de desenvolver nelles o sentimento da subordinação, a consciencia do respeito e da obediencia aos seus superiores. É aqui, como no mais, se tem menos em vista, segundo o systema dos allemães, a vida exterior que a vida interior. Faz-se pouco caso dos meios coercitivos que agem da parte de fóra. Quer-se que o homem traga a sua regra de comportamento em si mesmo e seja espontaneamente propenso ao seu dever. Procura-se agir sobre a vontade mais que sobre o proceder exterior. Nas universidades, são os rapazes mesmos que fazem a disciplina. Chegam ordinariamente alguns minutos antes do professor, conversam, e passeiam, ou fumam enquanto estão sós. Quando o professor entra, o silencio se faz immediatamente, e cada um se dispõe a escrever. Nos cursos é muito raro que os estudantes applaudam; elles, porem, ouvem attentamente as prelecções e as estenographam, sem levantar a cabeça. Julgam pouco os seus mestres, e são antes mais inclinados a admirar-os que a denegril-os. Fora da universidade, no seu genero de vida e nos seus entretenimentos, os estudantes têm, tambem, um respeito espontaneo pela regra.

### Disciplina sem regra

A ausencia de uma disciplina criada espontaneamente pelos estudantes, e tambem de qualquer incentivo proprio a fazer nascer e crescer nelles o sentimento desse respeito pela regra, é o que faz, precisamente, distinguir neste ponto o

ensino superior nosso do ensino allemão. Aqui os estudantes conservam, na Faculdade, o seu chapéo na cabeça e o seu cigarro na bocca, em presença do professor, não os tirando senão na hora das aulas ou por occasião dos exames. Muito poucos são os que prestam a devida attenção ao que expõe o mestre; um ou outro que lhe pede um esclarecimento ou toma no papel algumas notas. E' raro que façam tachygraphar as prelecções. Outr'ora elles tinham o costume de applaudir. Era no tempo do professor orador, de lente rhetorico, que exhibia eloquencia explicando o programma. O tempo de Aprigio Guimarães, e, mais proximo de nós, de José Vicente Meira de Vasconcellos. Hoje, já nenhum professor se atreveria a fazer um discurso na sua cadeira. Tambem, nenhum recebe mais applausos no nosso tempo.

Na sua vida fóra da Faculdade os estudantes se comportam da mesma maneira, isto é, elles não mostram ter nenhum gosto pela disciplina. As suas relações com a policia nunca foram inteiramente pacificas. Em todos os tempos os estudantes, por varios motivos, estiveram algumas vezes em luta com os agentes da segurança publica. Phaelante refere uma dessas brigas, a qual se dera no Café da Imperatriz e seria uma consequencia dos torneios literarios do Oiteiro, promovidos pela *Tugendbund*, na época em que esta sociedade funcionava na rua dos Prazeres. Um contingente de policiaes entrou ali de surpresa e distribuiu "pancadaria grossa", na occasião em que um poeta inflamado recitava no maior arrebatamento:

Do céo a semente desce,

Germina; rebenta e cresce...

"Anastacio Cabral, diz Phaelante, estudante honorario, contava que, subindo a uma cadeira e agitando no ar seu chapéo de castor, bradava contra os attentados em trópos

de indignação vermelha, até que tres ou quatro dos aggressores, interpelando-o com um intimativo—*que está dizendo canalha!*—o obrigaram a responder no tom blandicioso do arrependimento:—*Não sci, disseram*».

Quanto ao lado religioso o ensino na Allemanha é caracterisado pela conciliação do espirito conservador com o mais livre impulso da actividade scientifica. Os professores evitam com cuidado tudo o que poderia, abertamente prejudicar a religião tradicional. Permanecem fiéis á linguagem e ás praticas consagradas, e afastam tanto quanto possivel das universidades os theologos e os philosophos que «vão muito longe». De outro lado, as doutrinas philosophicas e theologicas mais atrevidas são, todos sabem, sustentadas livremente na Allemanha.

Se nós considerarmos, agora, o ensino na Allemanha nas suas relações com a politica, veremos que elle é dado em um espirito conservador no que concerne á politica interna, em um espirito nacional mais ou menos modificado pela influencia prussiana, no que concerne á politica exterior. A missão que devem cumprir as universidades relativamente á politica interior é assim definida nos estatutos da universidade de Bonn, aos quaes os estatutos das outras universidades são, a este respeito, bem semelhantes: «O fim desta universidade é dar aos moços o cultivo moral e religioso, as opiniões sãs, as tendencias conservadoras, os conhecimentos theoricos e praticos que lhes são necessarios p'ra exercer dignamente as funcções do Estado e da Igreja».

Não parece nada provavel que os professores allemães, celebres pela ousadia de suas doutrinas, se conformem com semelhantes prescripções. Todavia, é certo que elles sabem tirar de facto dos seus systemas methaphysicos—mesmos os mais subversivos—as consequencias politicas que são mais conformes á ordem publica.

Se nós fossemos, relativamente a influencia que exercem, sobre a opinião, os professores das universidades alle-

mãs, quer em religião, quer em politica, fazer um cotejo com o que se observa nas nossas escolas superiores, veriamos como na Allemanha aquella influencia é mais poderosa, talvez mesmo um dos mais salientes phenômenos que a sua historia apresenta, ao passo que no Brasil, ao contrario, ella tem sido pouco consideravel, ou, pelo menos não tão clara como naquelle paiz. Todos os factos politicos e todas as grandes idéas religiosas têm partido, na Allemanha, da cadeira dos professores. Nenhum dos movimentos politicos que têm agitado a nação brasileira, derivou ainda do enthusiasmo de nossos cathedromaticos. Isso absolutamente não importa em uma negação do alto valor de algumas intelligencias fortes, que deixaram já assignalada a sua passagem pelos cursos. A importancia do professor allemão se prende a outras causas — causas diversas que me não cabe aqui analysar.

### Paula Baptista e Aprigio Guimarães

Nesse mesmo brilhante periodo da historia da nossa Academia dois professores, já ahi se distinguem — Paula Baptista e Aprigio Guimarães, que teriam de ficar na tradição oral repetida ainda entre os estudantes como duas figuras lendarias.

O autor do «Compendio de Theoria e Pratica do Processo» era um dos mais cultos espiritos da geração saída de Olinda, e foi um dos maiores professores da Academia, no seu tempo. Sem duvida, o perfil que delle nos ficou, não seria marcado ao cunho de uma representação oriunda só da realidade e sim, tambem, da pura imaginação. A medalha nos faz ver ahi impressa a imagem de um super-homem: mas elle proprio não a teria desconhecido. Até onde não podem levar a fantasia e o orgulho?

Quem não teria ouvido dizer, na Academia do Recife, que o pequeno tratado de Hermeneutica Juridica de Paula

Baptista, fôra vertido para o allemão e destinado, aos estudantes das universidades tedescas ?

E todavia esses estudantes na época mesmo em que aqui preleccionava o nosso grande mestre, ouviam na sua terra os melhores professores : Gneist, um dos melhores oradores da camara prussiana e autor de varias obras classicas sobre a Constituição ingleza; Bruns e Rudorff, conhecidos por seus importantes trabalhos sobre o direito romano; Heffter o primeiro jurisconsulto da Allemanha em materia de direito das gentes; de Heltzendorff, um dos primeiros, e, posto que ainda joven, já notavel pela agudeza de suas criticas e o seu perfeito conhecimento das leis. Isso, para não falar senão da Universidade de Berlim e de sua Faculdade de Direito.

Assim, os estudantes das universidades allemãs não teriam talvez muito a aprender na obra do nosso antigo professor — obra, aliás, de grande valor e proveitoso estudo para os alumnos brasileiros. Mas não se iria por isso desfazer uma ingenua lenda ; ninguém ousaria tirar uma só flôr que fosse da corôa do mestre.

Paula Baptista possuia, de sua intelligencia, e do seu saber, de suas qualidades de professor, como da efficiencia do seu ensino, uma noção talvez não exagerada, ou antes : — verdadeira. Mas elle não a exprimia senão com uma certa emphase que lhe era peculiar. Ora, em confronto com os outros professores elle se proclamava a si mesmo o «Astro de primeira grandeza» da Academia: ora, se suppunha ver nos seus discipulos alguma desattenção, elle se lamentava por ter de viver a *deitar perolas a porcos*. Mas os estudantes não o deixavam de ouvir com a mais constante solicitude; e o admiravam cada vez mais. Não era elle, realmente, o «grande luzeiro» da Faculdade, e a sua expressão mais brilhante na cadeira dos lentes?

Conta Phaelante da Camara que quando conheceu Paula Baptista e o viu, pouco antes de ser elle aposentado, pre-

sidindo a banca do quinto anno — muito velho, tropego, e tresandando a rapé — já elle não era mais do que uma gloriosa ruina. Não era «nem a sombra do que fôra, nos lampejos da intelligencia em dias de outróra», escreve Phaelante. Despreoccupado com a sua roupa — uma sobrecasaca velha, os bolsos cheios de embrulhos — e indifferente ás considerações sociaes, ia fazer as suas compras e elle mesmo é que as levava: um dia o viram na rua sobraçando uma enorme melancia das Cucuranas. Doutra vez, era uma gallinha escolhida aos garajaús que elle trazia, segurando-a pelas azas, a pé e através das ruas da cidade.

Positivamente, o nosso velho mestre não tinha a intenção de imitar em nada esse prevenido philosopho de Koenigsberg — que tambem era professor. Kant, com effeito, segundo diz um dos seus biographos, quando o tempo não era seguro e elle tinha de dar o seu passeio regular ao longo de uma pequena aléa de tilias chamada hoje a *aléa do philosopho* — fazia-se acompanhar nesse passeio pelo seu criado; o criado lhe conduzia então um guarda-chuva.

Aprigio Guimarães era um outro typo de lente: uma figura assás interessante de professor — mixto de bohemia e cumprimento de dever — um tanto medieval e ao mesmo tempo o mais expressivo modelo de professor da actualidade, eloquente e sceptico, seguindo amoravelmente a tradição, mas livre sempre de poder tentar algumas reformas. Os seus discipulos o adoravam. Elle possuia realmente os dons com que podia ser e foi de facto, um idolo para a mocidade. Como os professores da idade média, recebia tambem em sua casa os rapazes, palestrava com elles e lhes contava anedotas, fazia, enfim, vida commum com os estudantes, revivendo dessa maneira aquella solidariedade estreita, que irmanava antigamente alumnos e mestres e na qual residia a força mesma da vida universitaria do passado.

Engana-se o que tomar esse traço da physionomia de Aprigio, como um signal de repudio dos antigos costumes, ou

uma iniciativa de novas praticas na vida da Academia. Elle não fazia senão reatar deste modo um dos innumerados e invisíveis fios da tradição, mais fortes do que se supõe.

A constante communicação dos estudantes com os professores, nos cursos, ou fóra delles, é, mesmo, a expressão mais carecteristica da vida universitaria no outro tempo. Outr'ora, quando a séde das universidades era em cidades pequenas, os professores e os estudantes se achavam por força reunidos. Com o decorrer dos annos porém, certas universidades foram transportadas para grandes centros, ou as antigas cidades universitarias se tornaram maiores, ou enfim, novas universidades foram criadas em capitães. Estas mudanças deram em resultado uma separação quasi completa dos professores e estudantes. Recife não era então, como ainda não o é actualmente, uma metropole assim tão vasta já, para que uma separação semelhante ali devesse se produzir. Aprigio Guimarães continuava, pois, a entreter com os seus discipulos a velha camaradagem escolar que unira no passado alumnos e mestres; e isso explica no pequeno centro espirital de nossa terra o culto que elle teve.

Simultaneamente, entretanto, o douto cathedratico de Economia Politica se abstinha de toda a fiscalisação sobre os que seguiam seu curso, mesmo dentro da Faculdade. Elle tinha por principio que um professor não deve ser um tutor. Não tem outro dever a cumprir senão o de dar a sua aula e de dal-a o melhor possivel. Mas depois, que os estudantes sejam exactos ou applicados, isso é com elles. O professor, pensava, que quer exigir a assiduidade ou a applicação não é mais um professor. Em razão mesmo das theorias liberaes o estudante deve ter o direito de tirar ou não o proveito das lições.

Nesse ponto, Aprigio Guimarães tinha já as mesmas idéas da maior parte dos professores actuaes. E era isso, precisamente, que lhe dava entre os seus collegas daquella época um certo ar de modernidade que escandalivaza,

### Nova concepção do ensino

Aprigio fora de facto o precursor de uma nova concepção no ensino das nossas escolas superiores. «Eu sou do ensino livre, dizia elle, mas tambem sou da força moral dos mestres, principio util não só á intelligencia mas ao coração dos discipulos».

E com esta phrase elle nos dava já por assim dizer, uma synthese do seu espirito. Espirito a um tempo liberal e justo.

### O movimento philosophico iniciado por Tobias

Em relação ao ponto de vista intellectual, poder-se-ia ver a differença entre o espirito das universidades allemãs e o espirito da nossa Academia, nesse movimento philosophico iniciado por Tobias Barretto, no anno de 82, ao fazer elle o celebre concurso em que obteve a nomeação de lente. Os que se têm referido a esse movimento, do qual foram figuras principaes entre os estudantes, Martins Junior, Fausto Cardoso, Gumercindo Bessa, Arthur Orlando, Alcedo Marrocos, Phalante, Clovis, e entre professores, José Hygino e João Vieira, costumam dizer que elle foi a grande revolução que transformou o ensino de direito no Brasil. Até ahí não haveria nada que dizer em contrario — o ensino realmente se modificou desde esse tempo; mas elles expendem a proposito dessa transmutação do ensino uma série de considerações que me não parecem indiscutíveis.

Em primeiro lugar, é de ver o tom com que dissertam os doutrinadores desse movimento, o tom de scientismo, de absoluto desprezo por tudo o que lhes possa rescender a metaphysica ou tenha o mais leve sabor ainda das velhas idéas. Já Sylvio Romero dizia um pouco antes, na sua defesa de theses, que a metaphysica «estava morta». E' verdade que não escapou ali mesmo ao examinador perguntar-lhe: «E

foi o senhor que a matou?" Quem lê Phaelante -- um dos representantes typicos dessa phase a que elle chama "a idade do ouro", da Academia -- tem a impressão de que elles é que eram os maiores metaphysicos. Não importa o entono da linguagem; nem a riqueza de conhecimentos, ou a somma de verdades de que se julgavam senhores.

### O naturalismo applicado ao direito

E quaes eram essas verdades? Eram Darwin e Haeckel; somente isto:--o naturalismo applicado ao direito. Phaelante escreve:

"O darwinismo sentiu-se á vontade na congregação e nos bancos academicos. Pela primeira vez ouviu-se naquelle recinto: o Estado é uma individualidade polymorphica, mudando de typo conforme as condições ethnicas, mesologicas, culturaes, ou segundo o tempo e a área geographica". E acrescenta: "Certo é que se os velhos representantes do espirito vesgo de seita comprimiam os narizes para não sentir o cheiro de enxofre daquellas theorias diabolicas; se o rancor de alguns discipulos de São Thomaz descobriu a mão do demonio naquella obra demolidora, em todo caso não se ouviu um protesto, nem o mais ligeiro signal de resistencia das forças reaccionarias no corpo docente".

Esse trecho é uma pequena amostra caracteristica da maneira de dizer -- impregnada ao mesmo tempo de menosprezo e emphase -- daquelles apostolos das "novas idéas" de que Tobias era o mestre. Essas "novas idéas" é que deveriam substituir no entender de todos elles as idéas antigas.

O systema de Darwin, entretanto, não era uma novidade; elle tinha tido os seus precursores. Sua historia si se tivesse de fazel-a, seria a historia mesma da philosophia da natureza no seculo 18. De Leibnitz a Hegel e a Darwin, passando por Diderot e Lamarck, achar-se-ia sem duvida uma como corrente outr'ora ignorada, mas de qual nos appare-

cem claramente agora a direcção principal e as sinuosidades variadas, não sendo difficil lhe determinar as fontes primeiras. Já em 1794, quando Goethe trabalha em um livro seu sobre a natureza, Erasmo Darwin publica o primeiro volume de sua *Zoonomia*; e ahí elle antecipa as theorias do seu neto. As hypotheses da sciencia contemporanea—queiram embora zombar das idéas metaphysicas os seus representantes—têm por primeira origem comtudo, idéas metaphysicas. Foram as formulas e as leis ideadas por um philosopho que fizeram nos espiritos essas agitações de onde saíram as theorias naturalistas de hoje, de onde certo havemos de ver sahir ainda outros systemas não sei se menos falazes. A lei de continuidade reina, desde Leibnitz, no dominio das sciencias naturaes.

### O chamado pensamento novo

Era pela methaphysica darwiniana que se procurava substituir a que existia na Escola—esta que os reformadores chamavam o “espirito vesgo de seita”, incompativel com o pensamento novo. Mas semelhante dogmatismo não passava de uma pura criação imaginaria, elle realmente não fôra nunca visto na Academia. Nella o que se divisava ainda, era o espirito de corporação. Este começou a enfraquecer com o movimento renovador de Tobias, e tambem com a reforma do ensino livre, até quasi se diluir nestes ultimos annos ao influxo ainda de outras causas—causas externas que o fizeram desaparecer tambem de varios centros universitarios da Europa.

Espirito de seita, sim, queriam ali implantar os vehementes doutrinarios do novo crêdo—o monismo darwiniano á maneira de Haeckel—prégado pelo imaginoso espirito do poeta sergipano. E digo do poeta, e não do philosopho, porque Tobias que foi ao mesmo tempo um ensaista, um critico, um jurista, um apaixonado de estudos philosophicos, não foi,

ao meu ver, grande verdadeiramente senão como poeta; através de todas as manifestações de sua intelligencia é o genio poetico sempre que apparece, é a força idealizadora que predomina nellas.

Sente-se em toda a obra de Tobias o sopro impetuoso, o espirito imaginativo, a espontaneidade lyrica, e até o rythmo do antigo rival de Castro Alves na poesia condoreira. A tendencia poetica era nelle superior a todas as outras. Estava na raiz mesma do ser, ella fazia parte de sua *personalidade innata*: não podia ser modificada. E nisso eu estou de inteiro accôrdo com Sylvio Romero, com aquella sua opinião expressa no segundo volume da Historia da Literatura Brasileira.

Divirjo, porém, desse nosso critico quando elle diz, no prefacio dos "Varios escriptos", que "a phase poetica de Tobias, com ter valor não tem importancia e o alcance da phase seguinte". Discordo delle neste ponto para não deixar de ser coherente com a minha maneira de ver.

Não era o ensino da nossa Academia influenciado por nenhuma preocupação de ordem sectaria, dizia eu; e realmente, se tal preocupação existisse, a reacção seria immediata; teria havido protestos; não seria sem viva luta entre os representantes da antiga e os da crença moderna que esta substituiria aquella. Nada disso, porém, succedeu. Dos lentes, uns adheriram logo ao movimento; outros, olharam-no com sympathia: e nenhum delles recebeu com indignação as novas doutrinas.

O episodio com relação ao velho lente conselheiro Aguiar, narrado por Phaelante da Camara, na sua "Memoria Historica", é uma prova de que no corpo docente não havia aquella intolerancia, aquelle sectarismo a que por mais de uma vez se refere o autor da alludida Memoria e com elle caracteriza um dos periodos da vida intellectual da Academia. Aquelle incidente é em si um transumpto, uma miniatura suggestiva do espirito de liberdade alli dominante. Liberdade do

alumno que não exclue a independencia do mestre. E nós não devíamos desejar outra coisa.

Mas a verdade é que nem a organização do nosso ensino superior, modelada até ha bem pouco tempo pela do ensino francez, nem tambem a indole mesma do espirito brasileiro permittiriam a formação aqui desse espirito de systema, desse dogmatismo exaggerado, que se vê nascer e desenvolver nas universidades allemãs, com uma força tanto maior quanto as relações continuas do mestre com seus alumnos tornam sua influencia mais decisiva.

E aqui já se poderá vêr a differença existente entre a nossa Faculdade e as faculdades allemãs, sob esse ponto de vista—differença que é profunda. O objectivo do ensino não é o mesmo. Nos allemães, uma paciente e seria elaboração é o seu objecto principal. Entre nós o fim mais visivel é a divulgação dos resultados. Aqui o nosso professor expõe perante um publico; na Allemanha elle trabalha cercado de alumnos e discipulos. Entretanto, se a organização allemã tem immensas e incontestaveis vantagens, é forçoso não desconhecer os abusos que ella póde engendrar. Veja-se o exemplo que dissonos dá a philosophia allemã no seculo 19. Ninguem ignora os estupendos erros da philosophia hegeliana e a influencia que as suas doutrinas subversivas exerceram por longo tempo. Não corremos seguramente os mesmos perigos. Bem raro os nossos cursos podem tornar-se uma escola; elles têm já a vantagem ao menos de não se tornar nunca uma seita.

### Differenças

Ainda outras differenças eu podia apontar, sob esse mesmo ponto de vista, entre o nosso ensino e o ensino universitario allemão; mas isso iria já um pouco além dos limites que deve ter um pequeno ensaio como este.

Assim, eu tornarei a dizer: com a revolução tendente

a introduzir na nossa Faculdade as "ideias novas", o espirito de corporação é que ficou mortalmente ferido; não o de seita, que esse nunca alli existiu. Entre os professores, o ensino obedecia a uma só orientação; esta modificou-se. No corpo discente, dois grupos se formaram, um, que era composto dos partidarios de Tobias; e um outro, dos que lhe eram adversos.

Phaleante cita na sua "Memoria Historia" alguns nomes de estudantes que se oppunham a invasão do *germanismo*: Felinto Bastos, Pedro Vergne, Cyridião Durval, Cardoso de Castro, Adalberto Guimarães, Salles Barbosa.

A luta entre os dois partidos fora terrivel. Era de um lado a "Folha do Norte", jornal fundado por Martins e Francisco Campello, o órgão dos que constituíam a vanguarda de Tobias; e do outro os adversarios deste, sustentando pela imprensa ou em folhetos a contenda com os demolidores. A opposição não irrompia do professorado; não era uma reacção do absolutismo ou do dogmatismo das cathedras: partia dos alumnos. De modo que, nesse curioso movimento intellectual de 82, não era a orthodoxia dos velhos o motivo da luta: os velhos não effereciam resistencia. Era, porém, contra uma heterodoxia—intolerante e emphatica—de alguns novos, que se insurgiam os outros, por amor da sua liberdade. Estes não tinham querido em boa hora, assistir ao "baptismo triumphal do direito na corrente do monismo", como dizia Phaelante.

Da mocidade contemporanea desse movimento é que saíram os federalistas, os republicanos, os democratas, idealistas a que se podia dar propriamente o nome de "utopicos", segundo o conceito do sr. Oliveira Vianna. Não tinham esses jovens ideologos recebido na escola uma preparação pratica conveniente, e só assim se pode explicar o pequeno exito obtido na vida publica pela maior parte delles e os mais intelligentes daquella época. Certo, nem toda essa mocidade seria composta só de puros theoricos; ella deve ter dado tambem al-

guns idealistas positivos, praticos — alguns idealistas a maneira de Nabuco de Araujo, mas seriam excepções.

### Clovis e Martins Junior

Sobresaem nesse movimento intellectual de 82, entre os estudantes. Martins Junior e Clovis Bevilaqua. O primeiro — poeta, publicista, orador — é o mais brilhante e original espirito desse periodo; o segundo, a sua mais completa organização de jurista. Ambos se distinguem por uma mentalidade independente a uma orientação toda pessoal; e, se aceitam as novas doutrinas, a ellas não se escravizam. Martins é talvez mesmo antes um positivista que um monista; Clovis não tarda a se libertar das influencias germanicas. De um, nós teriamos a Historia do Direito Nacional; e do outro a realização do Codigo Civil Brasileiro.

### José Hygino

José Hygino é nessa época uma das figuras mais notaveis do corpo docente da Faculdade. Tobias já o encontrou ali, abrindo caminho ás novas doutrinas, que iriam ter com o autor dos estudos allemães, uma repercussão maior dahi em deante. A prova escripta do concurso de Tobias foi, como se sabe, o desenvolvimento de uma these apresentada por José Hygino: «Conforma-se com os principios da sciencia social a doutrina dos direitos naturaes e originarios do homem?»

Alto, magro, o olhar longinquo através dos vidros do *pin-cenez* preso a uma fita, e na mão invariavelmente um livro, que elle estaria prompto a ler na primeira oportunidade, silencioso e concentrado, José Hygino dava a impressão de um homem a quem o mundo exterior seria indifferente, se lhe não fôra hostil. Ensimesmava-se afim de melhor pensar; e como elle se dava sempre a esse seu exercicio

todo interior ninguém o lograria ver de rosto expansivo, o olhar mais proximo.

Hoje em dia, é costume, a quem escreve uma dezena de chronicas sobre os factos ou sobre a literatura da vida corrente, e as enfeixa em um livro se dar a esse chronista o nome de pensador. Certo não se pôde dizer de José Hygino que elle tivesse sido um pensador no sentido actual desta palavra. Elle, porém, o era na acceção que tinha antigamente.

Nesse perfeito intellectual o exercicio do pensamento era o principio e o fim da vida, o mais a isso se subordinava.

José Hygino não fez jámais critica literaria ou de costumes, e não publicou poesias nem romances. Os seus trabalhos ou são de historia—a historia patria em que se especializou, tendo apprendido o neerlandez e feito nos archivos de Haya proveitosas pesquisas—ou versam sobre estudos de direito.

A's pacientes e bem orientadas investigações desse nosso professor devemos a documentação opulenta que se possui, hoje, sobre a phase da dominação hollandeza no Brasil. Com os elementos por elle reunidos se poderia fazer, de toda nossa vida politica durante esse periodo, uma reconstituição talvez completa. E' um curioso edificio historico que está ainda por construir. Essa empreza, diz Clovis Bevilacqua, elle mesmo a poderia ter levado a effeito, se as circumstancias o permitissem e lhe não faltassem certas qualidades; José Hygino não possuia a imaginação que anima e vivifica, diz ainda aquelle escriptor.

Nada disso, me parece, tel-o-ia impedido de ser o autor de uma obra tão interessante e para a qual já tinha elle os materiaos accumulados.

As condições externas não lhe eram desfavoraveis, e nem o tempo lhe teria faltado para essa construcção. Todavia elle não a realizou. Porque? Por causa da sua timidez,

penso eu. José Hygino era um tímido. Typo de tímido intellectual, nelle, ao contrario do que se suppõe, era o excesso de imaginação oriundo de uma intensa vida interior, que lhe cohibia os impulsos da actividade pratica. No dominio propriamente juridico escreveu José Hygino, as "Licções de Direito Natural e as Licções de Direito Administrativo", que se destinavam especialmente aos seus alumnos da Faculdade. Só muito depois, quando já se achava jubilado, é que elle publicou a sua traducção do "Tratado de Direito Penal Allemão" de Franz von Lizzt, ahi nos deixou elle a synthese das suas proprias idéas, esculpida em erudito prefacio.

Não escapou esse voluptuoso do pensamento puro, esse pensador de gabinete afeito aos estudos silenciosos e longos, esse tímido alheiado do mundo exterior, ao temporal de uma controversia apaixonada que o teria feito soffrer immensamente. Foi a celebre polemica acerca das theorias de Lorenz Steins sobre o *self-governement* que elle se viu forçado a sustentar, pela imprensa, com Tobias.

Numa intensa agitação viveram os academicos de Recife nesse periodo de 82 a 87. A escolha de um orador para representante da Academia em uma festa abolicionista, no anno de 82, deu lugar a um vivo movimento de que resultou a formação de dois partidos o partido de Martins Junior — então quarto annista — o candidato mais sympathizado na escola como fóra della; e o outro, chefiado pelo lente J. J. Seabra, que indicava para representar a Academia o estudante bahiano Filinto Bastos.

Travou-se uma verdadeira pugna eleitoral tumultuosa e apaixonada. Os amigos e admiradores de Martins, que eram em muito maior numero que os do candidato bahiano, prepararam a sua campanha com as melhores possibilidades de exito. A cidade inteira interessou-se nessa luta. Até as senhoras vieram trazer tambem o seu prestigio — o prestigio feminino inspirador dos triumphos — e a peleja era tanto mais animada quanto o campo eleitoral se restringia á classe

dos estudantes: era de um suffragio assás limitado que dependia a victoria. Esta, provavelmente, tel-a-ia alcançado Martins, se a eleição não houvesse sido perturbada pelos elementos da fracção seabrista de tal modo que nem a apuração se chegou a fazer.

### Pardal Mallet e outros

Essa questão trouxe os estudantes de Recife divididos cerca de cinco annos ou mais. Martins, tendo-se formado em 83, continuou a ser o chefe do seu grupo. Os rapazes que iam entrando na Faculdade alistavam-se ora num, ora noutro partido. Pertenceram a essa geração, além dos nomes já indicados, Alfredo Pinto, Farias Britto, Luiz Domingues, Annibal Falcão, Anisio de Abreu, Germano Haslocher, Pardal Mallet.

Pardal Mallet chegou a ter uma grande voga nos meios literarios do Recife. Os seus ensaios de critica, publicados nos jornaes, e cuja assignatura, antes de elle ser conhecido, se tomava por um pseudonymo, fizeram-lhe justa nomeada. Elle, realmente, dava a impressão de uma intelligencia aguda, viva; de possuir já uma feição propria — uma personalidade definida. Revelava-se um dos mais promissores espiritos desse "agrupamento de gigantes", segundo a expressão de Claudino Freire — hyperbole, aliás, natural em quem tambem fez parte daquella geração e viveu no mesmo ambiente.

Pardal Mallet era ainda orador impetuoso, rico de imaginação — orador bem á maneira do seu tempo. Um rhetorico, e um saturado de romantismo.

### O empallidecer da tradição

Com a transmutação de nossa forma de Estado, a Academia começou a empallidecer, a perder o seu antigo brilho. Ella deixou logo de ser um foco de irradiação intellectual,

um centro de idéas. O espirito de corporação desapareceu. Nos primeiros annos do novo regimen, ainda se podia ver ahi um resto de vida de estudantes. A vivenda nas *republicas*, o traje distinctivo, as reuniões literarias e dansantes, as serenatas, a rivalidade com os caixeiros, os discursos e os recitativos no theatro, as discussões nos cafés e nos corredores do antigo edificio do Pateo do Collegio, — isso poderiam ver ainda, se bem que em declinio já, os que cursaram a Academia nos immediatos annos seguintes á proclamação da Republica. Mantinha-se até essa época a tradição — embóra já bastante diminuida — do humor academico, dos repentes espirotuosos, das replicas cheias de ironia e dos gracejos sem nenhuma offensa. As anedotas que vou referir são uma prova de que se não havia esgotado ainda essa effervescente veia academica, outróra tão opulenta.

A' banca dos exames, um estudante intelligente, mas não sabendo nada do ponto sorteado na cadeira de finanças — imposto directo e imposto indirecto: o examinador faz-lhe a primeira pergunta:

— O senhor é partidario do imposto directo ou do imposto indirecto?

— Desejava conhecer primeiramente a opinião da cadeira.

— Mas então sou eu quem está fazendo exame?!

— Não é isso — apressa-se em responder o examinando; porém, qualquer que seja a opinião do mestre eu quero contrarial-a.

E tendo então o lente que era o dr. Oliveira Fonseca, se declarado pelo imposto indirecto e feito uma dissertação brilhante para mostrar as vantagens superiores dessa forma de contribuição, exclamando afinal: — «Viva o imposto indirecto» — chega a vez do estudante. Este que havia prestado a maior attenção ao discurso do mestre, começou:

— Pois eu sou pelo imposto directo:

E desenvolveu todas as razões que elle pôde

ali mesmo em favor dessa outra fôrma de imposto, tirando-as da argumentação em contrario produzida pelo lente da cadeira. E rematou egualmente com um — viva o imposto directo! — levantando-se logo em seguida sem dar margem a mais perguntas. — Não era esse estudante em solerte espi-rituosidade inferior áquelle outro, seu antecessor, Gaspar de Drummond, sobrinho do dr. Antonio de Vasconcellos e Menezes Drummond, lente de Direito Civil. O joven Drummond, ameaçado pelo tio de reprovação no fim do anno, por causa de suas diabruras e do seu character indocil, averbara o tio de suspeito p'ra fazer parte da sua banca examinadora. Surpreza geral e estupefacção do proprio dr. Drummond.

— Suspeito eu — seu tio — porque? — Interroga este.

— Por ser meu inimigo capital, respondeu-lhe Gaspar.

Vieram logo após o estabelecimento do governo republicano as novas reformas do ensino. Fundaram-se as Escolas Livres de Direito em varias cidades do norte e do sul do paiz. A matricula de alumnos não tardou assim a baixar. Tambem é verdade que para as outras carreiras — para a engenharia, a medicina, o commercio, a agricultura — iam sendo mais especialmente attraídas as novas gerações. O pouco que ainda restava no começo da Republica, como uma tradição sobreviva, mas em evidente preagonia, da vida de estudante dos outros tempos, desapareceu afinal. As novas gerações passaram a ter uma maneira de viver inteiramente differente da que tinham as gerações que as haviam precedido. O estudante nos nossos dias é empregado do commercio; é reporter; é funcionario publico. Não traja a sobrecasaca; veste um fato de linho. Elle possui o que se chama hoje, e o é realmente, uma qualidade toda moderna — o senso pratico. Perdeu a alegria, a graça, a espontaneidade, a originalidade.

A mocidade contemporanea se diverte com gravidade *«et*

*elle fait des folies raisonnables*», dizia não ha muito tempo um escriptor; e elle alludia assim á igual transformação observada na França, e em outros paizes da Europa, com relação a vida de estudante. Foram-se na verdade aquelles bons tempos das dissipações joviaes; ella é agora reflectida, sobria, sisuda. Uma concepção mais realista, mais pratica, da vida lhe veio refrear a indisciplina, a bohemia, a exuberancia e isso mostra já a differença que ha entre as gerações novas e as suas antecessoras. Hoje, os nossos estudantes já se não apaixonam pelos movimentos literarios ou philosophicos — por essas justas intellectuaes que eram outróra ainda o seu maior entretenimento. O jogo puro das idéas não lhes suscita mais nenhuma emoção ou enthusiasmo. As tendencias são outras e outros tambem, os horizontes: um cargo a occupar; uma função a exercer. Aqui, elles, viram a sua Academia mudar-se nesses ultimos annos para um palacio. — O vasto e quasi deserto palacio da rua do Riachuelo: o grande sino do relógio enche-o agora de sons luminosos. Mudaram tambem com o tempo, e as leis, os mestres, as aulas, as cadeiras... Tudo mudou. Ora o espirito não podia ficar o mesmo.

### Odilon NESTOR

(Professor da Faculdade de Direito de Recife)